

ROMANTISMO SOCIOLÓGICO: UMA CRÍTICA MARCADA PELA RESIGNAÇÃO

ROMANTICISMO SOCIOLÓGICO: UNA CRÍTICA MARCADA POR LA RENUNCIA

SOCIOLOGICAL ROMANTICISM: A CRITICISM MARKED BY RESIGNATION



Vinícius BERNARDES¹
e-mail: bernardesociais@gmail.com

Como referenciar este artigo:

BERNARDES, V. Romantismo sociológico: uma crítica marcada pela resignação. **Rev. Sem Aspás**, Araraquara, v. 14, n. 00, e025011, 2025. e-ISSN: 2358-4238. DOI: 10.29373/sas.v14i00.19723



| Submetido em: 02/10/2024
| Revisões requeridas em: 13/11/2024
| Aprovado em: 20/12/2025
| Publicado em: 29/12/2025

Editor: Prof. Dr. Carlos Henrique Gileno
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/FCLAR), Araraquara – São Paulo – Brasil.
Discente do programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

RESUMO: Neste artigo, procura-se relacionar a teoria social weberiana, marcada pela resignação, com alguns traços das aspirações dos primeiros pensadores do romantismo, no século XIX, na Alemanha. Assim como estes, Max Weber percebe uma fragmentação das esferas — nos românticos, a percepção é expressa como uma cisão no pensamento — que atomiza o indivíduo, que vê seus valores ético-morais confrontados por uma objetividade que lhe é estranha. Tal aproximação é feita a partir de suas conclusões a respeito do processo de racionalização, na medida em que também os românticos, em suas percepções sobre a divisão do trabalho e a perda da noção de totalidade, tecem críticas a partir de um ponto de vista resignado, que não aceita os efeitos desastrosos do capitalismo, mas não formulam uma crítica que se propõe emancipatória.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia. Max Weber. Resignação. Romantismo. Capitalismo.

RESUMEN: *En este artículo se está buscando relacionar la teoría social weberiana, marcada por la resignación, con algunas huellas de las aspiraciones de los primeros pensadores del romanticismo, en el siglo XIX, en Alemania. Como éstos, Max Weber percibe una fragmentación de esferas – en los románticos, la percepción se expresa como una escisión en el pensamiento – que atomiza al individuo, que ve sus valores ético-morales confrontados por una objetividad que le es ajena. Este planteamiento se realiza a partir de sus conclusiones respecto del proceso de racionalización, en la medida en que los románticos, en sus percepciones sobre la división del trabajo y la pérdida de la noción de totalidad, critican desde un punto de vista resignado, que no acepta los efectos desastrosos del capitalismo, pero no formula una crítica que proponga la emancipación.*

PALABRAS CLAVE: Sociología. Max Weber. Resignación. Romanticismo. Capitalismo.

ABSTRACT: *This article seeks to relate Weber's social theory, marked by resignation, with some features of the aspirations of the first thinkers of Romanticism, in the 19th century, in Germany. Like them, Max Weber perceives a fragmentation of spheres—in the Romantics, perception is expressed as a split in thought—that atomizes the individual, who sees his ethical and moral values confronted by an objectivity that is foreign to him. This approach is made based on his conclusions regarding the process of rationalization, to the extent that the Romantics, in their perceptions of the division of labor and the loss of the notion of totality, also criticize from a resigned point of view, which does not accept the disastrous effects of capitalism, but does not formulate a critique that proposes emancipation.*

KEYWORDS Sociology. Max Weber. Resignation. Romanticism. Capitalism.

Introdução

As viagens de Herder abrem o horizonte para os intelectuais alemães a partir da metade do século XVIII. Precursor do pensamento antropológico, Herder (1984) busca compreender as manifestações culturais de outros países de maneira democrática, na medida em que suas *pesquisas* são diretamente influenciadas pelo espírito revolucionário que havia sido aceso pela recente Revolução Francesa e, sendo assim, via positivamente o evento em função de um *princípio criador*, presente nessas culturas, como forma de avançar os princípios de liberdade e fraternidade então incutidos na França. É possível afirmar, então, que, para além de ser precursor de um tipo antropológico de investigação, Herder marca o início do que viria a ser a primeira geração dos grandes românticos — Hölderlin (2012), Schelling (1985), os irmãos Schlegel (1970), Tieck (2012), Novalis (1978–1987), Schleiermacher (2000).

Goethe, no entanto, para quem Herder até então vinha sendo um tutor intelectual, deixa transparecer sua posição antirrevolução, por um certo medo — denotado pelo romancista — das consequências autoritárias e violentas engendradas pela ação direta dos Jacobinos, e da entrada das massas na revolução — nesse sentido, o medo de Goethe em relação às massas era de que ele acreditava que a população não-letrada, menos abastada, havia entrado na revolução de maneira reboquista, tendo sido manipulada pela razão iluminista e revolucionária burguesa. Goethe (1994), “amigo da evolução, inimigo da revolução” (Safranski, 2010, p. 38) compartilha com Burke (2017) a opinião sobre as massas na revolução, defendendo que “poderiam ter sido arrastadas para a Revolução sem que tivessem, portanto, o devido conhecimento sobre a esfera política” (Safranski, 2010, p. 38). Tal posição crítica romântica e antirrevolução, encontrada em Goethe, pode ser um germe da crítica à racionalidade formal *desvalorizada* encontrada na sociologia alemã do século XX? A respeito dessa relação que apresento, Goethe (1994) diz em *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister* a respeito da limitação a uma função mecânica e limitada:

O ser humano nasceu para uma situação limitada; ele está apto a perceber determinados fins, simples e próximos, e se acostuma a usar os meios que lhe estão à mão; tão logo ele, porém, chega à amplidão, não sabe nem o que quer nem o que deve fazer, e nisso tanto faz se é distraído pelo número de objetos ou se é movido para fora de si pela altivez e soberania dos mesmos. É sempre azar seu, quando é levado a desejar algo com o qual não se pode estabelecer elo através de uma atividade própria e regular (Goethe, 1994).

Na esteira do pensamento de Goethe, mais tarde, Schiller (2004), com seu *Homo Ludens*² e com sua teoria do jogo, sobre a passagem da natureza à cultura, fará uma crítica à categoria de *utilidade*, definidora por excelência do espírito do capitalismo moderno, como uma categoria que qualifica todo um sistema fechado em si mesmo, com uma lógica própria, e guiado pela racionalidade instrumental burguesa — ainda é possível encontrar em Schiller (2004) a metáfora da *jaula de ferro*, que foi o *leitmotiv* da sociologia weberiana cem anos mais tarde e que marca a capacidade de percepção, por parte dos românticos e, mais tarde, de Weber, da cisão do pensamento e da fragmentação das esferas de ação. Schiller, pelas palavras de Safranski, denota seu descontentamento com a divisão do trabalho no capitalismo, dizendo que

A utilidade é o grande ídolo da época, a quem todas as forças devem alimentar e todos os talentos devem honrar. Sobre essa balança, o ganho espiritual da arte não tem peso nenhum, e roubada de toda motivação, ele desaparece diante do mercado barulhento do século (Safranski, 2010, p. 44).

O descontentamento com os efeitos do capitalismo, portanto, já é algo presente na visão romântica de mundo. Schiller deixa uma herança teórica a que Hölderlin, Hegel e algum tempo mais tarde Marx, Weber e Simmel recorreram para falar da “deformação específica da sociedade burguesa: o sistema de distribuição de empregos” (Safranski, 2010, p. 45). A sociedade burguesa, na visão de Schiller, “fez progressos na área da técnica, da ciência e do artesanato em consequência da divisão de trabalho e da especialização” (Safranski, 2010, p. 45), porém, reitera

Na mesma proporção em que torna-se mais abastada e complexa como um todo, ela deixa que o indivíduo empobreça em relação ao desenvolvimento dos seus talentos e forças. Na medida em que o todo se mostra como uma totalidade rica, o indivíduo deixa de ser aquilo que ele, de acordo com um pressuposto idealista da Antiguidade, deveria ser: uma pessoa como pequena totalidade (Safranski, 2010, p. 45).

Em duas breves passagens, é possível ver a forma romântica de descontentamento com a objetividade do capitalismo. Na primeira, o caráter fleumático assumido pelo indivíduo no capitalismo é exacerbado:

O prazer foi separado do trabalho, o fim do meio, o esforço da recompensa. Eternamente preso a um único pequeno fragmento do todo, o homem se forma apenas como fragmento. Ouvindo eternamente o barulho da roda que põe em movimento, ele jamais desenvolve a harmonia do seu ser, e em vez de

² Mais tarde, já no século XIX, o neerlandês crítico da cultura Johan Huizinga dedicaria um vasto estudo a respeito do “instinto do jogo” na cultura humana, publicado sob o título de *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*, veiculado no Brasil em uma edição de 2019 pela editora Perspectiva.

imprimir humanidade à sua natureza, ele é apenas uma cópia do seu negócio (Safranski, 2010, p. 45)

E uma segunda, de Hölderlin, em *O eremita na Grécia [Hyperion]* (2012), que denota essa dor de compreender a situação presente da humanidade:

Você vê operários, mas nenhum ser humano; pensadores, mas nenhum ser humano [...] isso não é como o campo de batalha, onde mãos e braços e todos os membros estão misturados uns aos outros, enquanto o sangue vital escorre na areia [...] mas isso seria suportável, não tivessem os homens que ser insensíveis em relação a toda a beleza da vida (Hölderlin, 2012).

O Romantismo inaugura — e relacionado ao que foi até então exposto — uma nova era para o mercado editorial na Alemanha. Entre os anos de 1790 e 1800, realiza-se uma transformação radical nos hábitos de leitura da sociedade alemã — só nessa década, “aparecem 2.500 romances no mercado, tantos quanto o total nos noventa anos anteriores” (Safranski, 2010, p. 48). Romances tais que alimentavam o imaginário da cultura alemã com temas sobre sociedades secretas, tramas fascinantes e aventuras místicas, tendo em vista que a situação geopolítica da Alemanha era a de um território que carecia de grandes centros urbanos cosmopolitas ou de colônias ultramarinas que desse ao povo a percepção de distância e aventura — tudo se encontrava de maneira fragmentada, sem conexão e extremamente estreito, de modo que as cidades não possuíam relevância no cenário internacional europeu e, portanto, não possuíam uma rede de comunicação forte que tornasse o cidadão alemão um cidadão moderno. Tais romances transformam o clima geral, “as pessoas voltam a gostar do misterioso; a crença na transparência e possibilidade de prever o mundo diminuía” (Safranski, 2010, p. 51), porque pairava o medo de que uma razão revolucionária, que engendrou consequências tumultuadas e terroristas na França, podia engendrar uma objetividade que fugisse ao controle e deixasse “aparecer nossa natureza escura mais do que nossa clara razão” (Safranski, 2010, p. 51).

A tal gênero de romance — a que, inclusive Schiller pertencia — pertencem, por exemplo, o próprio *Wilhelm Meister*, de Goethe (1994), que relata a sociedade secreta da torre; *O titã*, de Jean Paul (2013) e *William Lovell*, de Tieck (2012). Todos esses romances alimentaram esse estereótipo de uma certa ânsia pelo segredo, pelo ininteligível, pelo abstrato e místico, bem como Novalis, ao estipular o *tipo ideal* do espírito romântico, postulou: “ao dar o que é comum um sentido elevado, ao que é usual uma aparência misteriosa, ao conhecido a nobreza do desconhecido, ao que pode perecer a aparência do infinito, assim é que eu os romantizo” (Safranski, 2010, p. 54). Nessa geração de românticos, o interesse pelo misterioso se dá em função de uma posição *crítica* em relação ao triunfo da racionalidade meramente

formal, do agir mecânico imposto pelo capitalismo, da atomização do indivíduo em funções parciais — a forma crítica do romântico preza que a “separação entre a lógica da vida cotidiana e do trabalho e qualquer outra atividade livre, criativa, do espírito” (Safranski, 2010, p. 56) deve ser eliminada. A nostalgia por uma realidade virtuosa e paradisíaca, marca típica do Romantismo, aparece já em Schlegel quando este se aprofunda nos estudos sobre Antiguidade e publica, em 1795, seu ensaio intitulado *Sobre o estudo da poesia grega*, que dá ao autor o reconhecimento como um dos grandes estudiosos a respeito da disciplina entre seus contemporâneos.

Schlegel também foi o *inventor* da ironia romântica; a ironia era até então um recurso retórico ou método literário, “colocada em algum lugar entre o humor, a zombaria e a sátira” (Safranski, 2010, p. 59). A ironia já era um recurso bem conhecido nos meios intelectuais da Antiguidade e da Modernidade, o que Schlegel (1970) fez foi romantizá-la, dar-lhe um sentido relativista, numa perspectiva muito mais ampla. A ironia romântica, ressignificada nesse sentido, é um recurso crítico que consiste na produção de frases compreensíveis que fazem referência a conteúdos incompreensíveis, na medida em que o incompreensível do romântico é essa força viva que, se pudesse ser desvendada pela razão, perderia sua força criadora. Mais uma vez, aparece a crítica à razão revolucionária burguesa da Revolução Francesa, pois, na linguagem romântica, a “ironia está em ação quando a vida em comunidade não é entendida como uma associação direcionada a um determinado fim, como um grupo de trabalho ou até como uma união compulsória” (Safranski, 2010, p. 61). Em uma breve nota, Schlegel (1970) escreve sobre o fato de seus leitores reclamarem da *ininteligibilidade* de seus fragmentos preenchidos de ironia:

Mas a ininteligibilidade é mesmo algo tão criticável e mau? Me parece que o bem das famílias e nações está baseado nela... Sim, o mais delicioso que o homem tem, a satisfação interior ela mesma depende, como qualquer um pode facilmente saber, no final em algum lugar num ponto destes que deve permanecer incógnito, mas que para isso carrega e sustenta o todo, e essa força seria perdida no mesmo momento em que se quisesse esclarecê-lo fazendo uso da razão (Safranski, 2010, p. 60).

Por fim, e já para passarmos a discussão da hipótese, é importante salientar: a crítica dos primeiros românticos aos efeitos do capitalismo — os irmãos Schlegel (1970), Tieck (2012), Novalis (1978–1987), Schiller (2004), Schelling (1985) e mais tardiamente Schleiermacher (2000) — apresenta um evidente descontentamento. Tal descontentamento, no entanto, não encontra resposta em um possível *ultrapassar* do capitalismo — também se deve levar em consideração que a crítica dos românticos ainda se encontrava num período de certa

efervescência revolucionária e criativa pela Revolução Francesa, e que qualquer forma *de fato* materialista de crítica aparece meio século depois, com Marx entre outros hegelianos de esquerda —; pelo contrário: a crítica é sempre tecida de maneira a opor a divisão do trabalho e o domínio da racionalidade formal a um contexto que antecede o capitalismo. Esse traço nostálgico presente nos Românticos ecoa na sociologia alemã do século XX, sendo a relação traçada neste trabalho construída a partir das conclusões da teoria social weberiana marcada por um certo tipo de *resignação*, um descontentamento que se propõe apenas a descrever e concluir que a racionalidade formal dominou tragicamente a forma como os seres humanos se relacionam no capitalismo moderno.

Com uma breve introdução, é possível ver os vestígios dos princípios político-filosóficos românticos na sociologia alemã do século XX, — Tönnies (1991), Sombart (1986), Simmel (2013) e, mais importante, Weber (1965), que é o autor central deste trabalho —, podendo ser traçada uma linha de influência que nasce com Herder (1984) e a *Sturm und Drang*³, percorrendo todo o idealismo alemão do século XIX, e que culmina no grande pensamento sociológico da racionalização, da institucionalização do capitalismo via ética protestante, da fragmentação das esferas de ação. É importante salientar, no entanto, que Weber não poderia ser situado em qualquer posição romântica. A posição em que quero situá-lo é de um *romântico desencantado*, e isso se dá em função da compreensão que Weber não é um autor reacionário — cuja crítica se dirige aos *efeitos* da Revolução Francesa, cuja função de representante mais coerente poderia ser atribuída a Novalis, para quem, segundo Löwy, “não se trata de conservar o *status quo*, mas de *voltar atrás*, para a Idade Média católica, anterior à Reforma, à Renascença e ao desenvolvimento da sociedade burguesa” (Löwy, 2008, p. 16). As conclusões de Weber acerca do processo de racionalização não são reacionárias e conservadoras — como veremos ao longo do ensaio.

Weber (1965) também não pode ser situado na posição de conservador, reforçando o que foi posto acima, na medida em que o sociólogo alemão não deseja a manutenção do que ele próprio julga, nas considerações finais da *Ética protestante e o espírito do capitalismo* (2004), desastroso — os efeitos do processo de racionalização, a reificação, a mecanização da ação etc. Weber não é um crítico contra iluminista da Revolução Francesa, muito menos um partidário da manutenção de um contexto intocado pela Revolução — talvez Burke (2017), nas suas

³ Foi um movimento literário na Alemanha entre 1760 e 1780 — o auge do Romantismo Alemão —, que teve Johan Gottfried Herder como uma das principais influências, mas também Johann Wolfgang von Goethe e Friedrich Schiller. Estima-se (Safranski, 2010) que o Romantismo na Alemanha perdurou entre 1750 e a primeira década do século XIX, tendo grande relevância para o Idealismo Alemão, com Kant, Fichte, Schelling e Hegel.

Reflexões sobre a Revolução na França, expresse esse caráter conservador de maneira mais explícita, alegando que a sua oposição à Revolução na França, como ele mesmo gosta de expressar, usou métodos que atentaram contra a liberdade dos indivíduos.

Por último, Weber não é um autor revolucionário, pois nem tem uma posição verdadeiramente crítica (emancipatória) sobre o destino da humanidade. Para o *romantismo revolucionário* — corrente que pode ser associada a autores como Ernst Bloch, ao jovem Lukács (2009; 2017), anterior à sua filiação ao pensamento hegeliano-marxista e ao método dialético — principalmente em *A alma e as formas*, publicado originalmente em 1909 (2017), e *A teoria do romance*, publicado originalmente em 1916 (2009) — mas também, e talvez como o grande precursor, a Rousseau (2011), em cuja obra “não se encontra nenhuma simpatia pelo feudalismo” (Löwy, 2008, p. 13), pelo contrário, Rousseau foi um dos grandes representantes de uma burguesia que se colocava como revolucionária, com um espírito orientado para uma mudança que apontava para a destruição das antigas formas de exploração do ser humano.

A sociologia romântica desencantada: Max Weber e a teoria social resignada

Weber é geralmente situado entre os maiores sociólogos de seu tempo, tendo dedicado uma extensa parte de sua obra a compreender as manifestações religiosas e a simbiose de suas éticas com o espírito sócio-político-econômico do capitalismo. É a Weber (1965), na maioria dos casos, mas também a Simmel (2013), a Tönnies (1991) e a Sombart (1986), que se recorre nas ciências sociais quando na intenção de explicar o processo de racionalização que transformou as antigas comunidades feudais pré-capitalistas em sociedades civis e o Estado moderno, sempre com o amparo de seus estudos sobre as religiões, especificamente o protestantismo, para fundamentar a origem de um espírito capitalista que dominou por completo o ocidente racionalizado ou, como denomina Weber (1965), *desencantado*. A esse contexto ocidental racionalizado é atribuído o adjetivo *desencantado* na medida em que o autor associa a instituição de um modo de vida dominado pela ciência e pela técnica, que engendram um modo de vida pautado no cálculo metódico entre os meios adequados para os fins visados. Weber (1965) compreende a racionalização como a instauração desse modo de vida metódico, extremamente previsível e calculável, ao mesmo tempo em que associa a mecanização das ações ditas racionais — a redução da possibilidade de uma ação integralmente livre — à categoria de *desencantamento*, que possui, de certa maneira, um sentido *positivo* na sociologia de Weber.

O termo aparece em diversas obras do autor, tendo seu sentido principal atrelado a *desmagificação* — a retirada de um sentido mágico da causalidade; a sua tese da *perda de sentido* — este complementa aquele, na medida em que a perda de sentido a que se refere Weber é, na verdade, uma troca de legitimidade de atribuição de sentido ao mundo: enquanto que no contexto comunitário pré-capitalista a causalidade era estritamente mística-religiosa, associada às determinações dos profetas e *líderes magos carismáticos*, no contexto ocidental racionalizado à causalidade passa a ser conhecida pelo aperfeiçoamento das técnicas de manipulação da natureza — a ciência propriamente dita — e pela aplicação dessas técnicas no novo modo de vida. Se o método científico pode tudo prever e controlar, e se ele é transposto para a forma como os indivíduos conduzem suas ações, todas as ações se tornam previsíveis e calculáveis. Se existe, portanto, uma associação entre a categoria de *desencantamento* e um modo de vida mais previsível e calculável — porém mecanizado e reificado, como o próprio sociólogo percebe —, a sociologia de Weber (1965) apresenta uma dimensão crítica que se aproxima de um *romantismo desencantado*, para o qual, segundo Löwy, “o retorno ao passado é impossível, quaisquer que tenham sido as qualidades sociais e culturais das sociedades pré-capitalistas” (Löwy, 2008, p. 16), sendo o capitalismo industrial um fenômeno irreversível e, independente de seus efeitos, resta-nos a resignação.

A dimensão *crítica* na obra de Weber está integralmente atrelada a uma posição de mero espectador consciente da realidade do capitalismo e de seus efeitos catastróficos, posição tal que é apresentada por Weber como sendo a de um cientista profissional, que está à margem dos fenômenos e que, portanto, não deve tentar teorizar (normativamente) a realidade. A *crítica* ao capitalismo na obra de Weber, longe de apresentar uma alternativa que suplante o capitalismo, ocorre mais na direção de uma apresentação da reificação — aspecto que em Weber tem um sentido negativo — como algo que, por não ocorrer em comunidades anteriores ao processo de racionalização, denota uma certa nostalgia pela ética social das relações comunitárias. Nessa *visão romântica de mundo* apresentada pela sociologia alemã, “esse passado pré-capitalista se encontra ornado de uma série de virtudes (reais, parcialmente reais ou imaginárias) como, por exemplo, a predominância de valores qualitativos (valores de uso ou valores éticos, estéticos e religiosos)” (Löwy, 2008, p. 13), ou ainda as relações afetivas reais entre os seres humanos e os sentimentos, em oposição direta à forma de organização baseada no cálculo, no dinheiro, no preço, de relações mediadas pelas mercadorias, de indivíduos atomizados pelo domínio crescente do valor de troca.

A crítica ao *desencantamento* seria, portanto, um descontentamento de Weber com o capitalismo industrial, que substituiu os valores comunitários éticos (qualitativamente superiores) pelo cálculo frio e racional? Existe, em Weber, uma tentativa de restabelecer no nosso universo cultural esse *encantamento* “expulso pelas máquinas e pelos livros de contabilidade”? (Löwy, 2008, p. 55). Seria um trabalho árduo constatar, a partir das conclusões de Weber a respeito do processo de racionalização, que sua sociologia tem como finalidade a restauração de um contexto ético-cultural do passado para substituir a realidade reificada do capitalismo. É correto afirmar, porém, que a sociologia weberiana se apresenta como uma forma resignada de crítica, descontente com o capitalismo, mas sem perspectiva de uma emancipação humana da realidade que nos rodeia. A título de exemplo, apesar de partilharem uma mesma preocupação, a saber “a posição central atribuída aos problemas da sociedade capitalista na obra de ambos” (Cohn, 2023, p. 118), Marx (2017) e Weber conduzem suas críticas por caminhos diferentes: enquanto um direciona seu descontentamento para uma tentativa de suplantar o capitalismo, tendo o conteúdo da crítica da economia política como fonte de crítica, a partir de seus próprios termos, o outro conduz seu descontentamento marcado por uma posição de resignação que, apesar de apontar os defeitos, contenta-se em teorizar de maneira meramente descritiva.

O que interessa para a aproximação de Weber com um tipo de *romantismo desencantado* é, para além de suas conclusões do processo de racionalização, a sua escolha metodológica — sim, escolha, porque ele estava avisado da dialética — para ordenar os segmentos da realidade e construir suas categorias analíticas. Cohn, em um dos capítulos de *Crítica e resignação: Max Weber e a teoria social*, salienta a concepção de Weber sobre a *dominação*, como um evento sempre presente na vida social, mas “sem qualquer perspectiva de superação” (Cohn, 2023, p. 184). Weber trabalha sempre com dicotomias rígidas, “entre as quais não há conciliação nem terceiro elemento intermediário” (Cohn, 2023, p. 185) — como é possível ver na dialética do senhor e do escravo, de Hegel, em que as categorias de dominação e servidão, ou melhor, “o movimento dominação/servidão pode ser interpretado como sendo a mediação na unidade desses momentos opostos, no interior do processo de constituição da consciência de si” (Cohn, 2023, p. 184). As mediações em Weber, por outro lado, servem apenas como recurso metodológico para explicar a forma pela qual os grupos dominantes legitimam a sua dominação sobre os dominados ao longo de um tempo — a categoria de *quadro administrativo*, apresentada por Cohn, é uma categoria analítica que serve de instrumento externo aos termos que procura explicar. Cohn expõe a função do *quadro administrativo* como mediador:

O fato é que há um mediador entre dominantes e dominados no esquema weberiano, e com características muito peculiares. Trata-se do “quadro administrativo”, que é assinalado por Weber como um componente de qualquer tipo de dominação que tenha vigência ao longo do tempo. A peculiaridade do quadro administrativo consiste em que, se considerarmos a análise de Jameson citada acima, ele é um mediador não evanescente. Ao contrário, quanto mais Weber enfatiza a eficácia de um tipo de dominação de tipo racional-legal, cujo quadro administrativo é de tipo burocrático, mais se acentua a consistência interna e a durabilidade desse mediador privilegiado, que é o quadro administrativo intercalado entre dominantes e dominados (Cohn, 2023, p. 185).

Estamos diante de uma situação em que o teórico age de maneira apática ao se deparar com uma realidade que apresenta individualidades juridicamente (formalmente) iguais, mas que possuem posições (*status*, como diria o próprio Weber) diferentes de atuação — posições de atuações legitimadas na medida em que a dominação, segundo Weber, é uma manifestação típica de uma forma de organização que se manifesta insuperável, uma vez que as próprias categorias analíticas do autor funcionam apenas como categorias descritivas de extrema impassibilidade. Por diferença de *status*, refiro-me não ao fato de indivíduos terem diferentes funções numa possível sociedade para além do capitalismo — é obviamente explícito que funções diferentes para indivíduos diferentes é algo do qual não se pode esquivar, mesmo após a emancipação das relações capitalistas, ainda necessitaríamos de médicos, bombeiros, administradores públicos e professores nas escolas públicas. O que está por trás dessa afirmação é que, em Weber, a categoria de dominação é teorizada apenas com a intenção de compreender superficialmente o jogo de poder entre a classe (*status*) que domina e a classe que é dominada, utilizando uma categoria analítica para fundamentar a análise sociológica, ou ainda, como aponta Sell,

Weber é, acima de tudo, um teórico da colisão de valores [*Werkolision*]. Ele não divisa no horizonte nenhuma estratégia de reconciliação [*Versöhnung*] possível e criticará enfaticamente as tentativas nesse sentido (Sell, 2013, p. 254).

Weber pode ser aproximado de um *romantismo desencantado* na medida em que a tendência anticapitalista na sua obra tem uma atitude — às vezes implícita, às vezes explícita — “nostálgica (mas não apologética) com relação à *Gemeinschaft* pré-capitalista, às formas mais orgânicas da vida comunitária do passado” (Löwy, 2008, p. 70), em que os seres humanos ainda estavam livres do que o próprio Weber consegue perceber na modernidade racionalizada. Löwy ainda aponta, enaltecendo a sociologia alemã como um avanço em relação à sociologia positivista francesa e à sociologia anglo-saxônica, que “a dimensão crítica, de origem

romântica, permanece ativa em suas obras e dá-lhes essa qualidade particular que as distingue das apologias superficiais” (Löwy, 2008, p. 71), encontradas justamente nas duas escolas citadas acima. Este talvez seja o ápice da sociologia alemã: a capacidade de perceber os fenômenos sem que seu conteúdo esteja preenchido de uma apologia dogmática às contradições do capitalismo. O trabalho de Weber orbita ao redor de conferir “substrato sociológico às teses neokantianas” (Sell, 2013, p. 250) e de mostrar “a erosão de uma razão unificada” (Sell, 2013, p. 250), ou seja, com a razão formal da ciência seguindo sua própria lógica e operando, segundo Sell (Sell, 2013, p. 250) “apenas no campo da descrição e compreensão causal dos fenômenos”. Também aqui, na formulação de categorias sociológicas analíticas, existe a percepção da fragmentação da lógica das esferas de ação, assim como os românticos tiveram a percepção de uma cisão do pensamento, e se opuseram, de maneira romântica, é claro, mas sem recorrer a uma apologia tacanha.

Weber mesmo, a quem é dirigido o maior crédito pelas contribuições à “ciência da sociedade” na Alemanha, reconhece que a extrema impessoalidade da burocracia transformou o administrador num mero (replicador) de tarefas pré-determinadas sem o seu consentimento, e que o cumprimento de tais tarefas, independente dos valores éticos pessoais do burocrata, implica numa reificação que torna a ação racional-formal a única ação possível. A ação cuja intenção esteja para além do mero cálculo racional (previsível) é tida como *irracional* — uma ação que leva à ruína. Nos *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre*, Weber aponta que o que resta para o indivíduo é uma opção entre “a aniquilação econômica ou a obediência a máximas muito determinadas de conduta econômica” (Weber, 1965, p. 132). pois, ainda segundo Weber no texto citado,

As leis econômicas são esquemas de ação racional que são deduzidas não da análise psicológica dos indivíduos, mas mediante a reprodução típico-ideal do mecanismo da luta de preços a partir da situação objetiva assim construída na teoria. Esta, quando se exprime de maneira pura, somente deixa para o indivíduo envolvido no mercado a opção entre a adaptação teleológica ao mercado ou a ruína econômica (Weber, 1965, p. 140).

No que segue, a associação na obra de Weber entre o *desencantamento* e a ação racional implica em que a ação racional capaz de calcular nos mais mínimos detalhes — capaz, também, de fazer uma simétrica adequação entre meios e fins — é uma ação, por definição, *compreensível*. Cohn aponta para essa associação, salientando que “a ação perfeitamente racional é plenamente previsível (e desencantada, diria Weber). Ela oferece a probabilidade máxima de previsão correta de sua ocorrência” (Cohn, 2023, p. 137), portanto

A ação racional, a mais previsível, é também o caso privilegiado da ação compreensível: basta que o observador conheça o fim visado, os meios disponíveis e que leve em consideração que existe uma e apenas uma forma de maximização dos resultados, nas condições dadas (Cohn, 2023, p. 137).

A ação compreensível a que se refere aqui não tem um sentido crítico-emancipatório: refere-se apenas a um instrumento analítico *recomendável* porque o universo histórico-social que rodeia os indivíduos *exige* que a equação entre meios necessários para fins visados seja constantemente feita. Trata-se de um *estreitamento* da “margem de opções disponíveis para os agentes” (Cohn, 2023, p. 128), ou seja, a ação racional com relação a fins — que é a ação compreensível por excelência — implica em que “podemos agir com base na ponderação das diversas *possibilidades* de um decurso futuro no caso da realização de cada uma das ações (ou omissões) pensadas como possíveis” (Cohn, 2023, p. 125). Conhecemos a posição de Weber pelas suas conclusões e pelo *sentido* dado às categorias analíticas em sua obra, no caso do *desencantamento*, por exemplo, que configura o expurgo de meios mágicos para a salvação e da substituição da magia pelo mecanismo causal matemático, compreendemos que Weber faz uma associação entre o estabelecimento de um modo de vida metódico, calculável e previsível a uma postura *compreensiva*, partindo do que ele chama de *ação compreensível* como sendo uma ação racional, como salienta Sell:

A visão técnico-científica do mundo modifica a compreensão destes poderes que, desta forma, perdem seu caráter extraordinário, ficando completamente imanentizados. A realidade passa a ser orientada pela ideia da causalidade como um mecanismo cego, guiado por uma lógica que pode ser decodificada e controlada (Sell, 2013, p. 243).

Essa aproximação de Weber com um tipo de *romantismo desencantado* que pretendemos neste ensaio se fundamenta na ocorrência de críticas, por parte do autor, direcionadas ao mecanismo causal (racionalizado, portanto, reificado) do capitalismo, porém sem que a sua posição *crítica* diante de tal mecanismo procure uma solução *adequada* que esteja para além do capitalismo. A perda desse caráter extraordinário *místico* de um contexto encantado pelo domínio da religião, a substituição desse caráter *místico* por uma relação causal *compreensível* por excelência, a instituição de meios meramente técnicos e científicos, tudo isso não deveria nos livrar dos efeitos catastróficos do capitalismo?

A hipótese é que Weber está perfeitamente disposto — no que diz respeito à sua escolha de operar com construções fictícias — a pagar o preço de se opor ao método dialético, porque a maior marca da sua preocupação é criar “condições para tornar cognoscíveis e controláveis

determinados segmentos da realidade empírica” (Cohn, 2023, p. 192), na medida em que o sociólogo alemão acredita ser apenas esse o destino de todo *homem* que se dedica à ciência. Neste sentido, o *homem que se dedica exclusivamente à ciência* de Weber deve, por definição, ter bem definido o seu instrumento teórico-categorial para debater/questionar aquilo que diz respeito apenas ao que é científico, ou seja, aquilo que se manifesta em uma determinada objetividade — neste caso, o capitalismo — que é estranha à subjetividade (consciência) dos seres humanos em geral, mas que pode ser ordenada em nexos causais, analisando a *possibilidade objetiva* de ocorrência de determinado evento, dado que os *agentes* analisados podem ser tipificados, dotados de certas características sociais — num exercício de hiperbolizar características para encontrar supostas regras — e, conseqüentemente, psíquicas que o impelem a x ou y ação. A percepção do *homem moderno* de um *desencantamento*, da inexorabilidade de operar com categorias científicas definidas, que o domínio da realidade se dá por meios técnicos, tudo isso nos leva à conclusão de que a aproximação da sociologia alemã com uma visão romântica de mundo é possível pois, como aponta Safranski, apesar de o Romantismo ser uma época datada, “o romântico é uma postura de espírito que não está limitada a um tempo. Ela encontrou no romantismo a sua expressão mais pura, mas o romântico existe até hoje” (Safranski, 2010, p. 16).

Nesse sentido, por *romantismo sociológico* se deve entender a expressão de uma teoria que se propõe científica — por operar com categorias analíticas *objetivas* —, e que, portanto, satisfaz-se com o mero descontentamento em face ao que essa própria teoria julga catastrófico, contentando-se apenas com a descrição dos eventos; por *crítica marcada pela resignação*, entender que a percepção de Weber da reificação da consciência e da mecanização do trabalho é marcada por uma postura que não anseia pela emancipação desses efeitos engendrados pela objetividade do capitalismo; as conclusões a respeito do processo de racionalização nos levam a crer não só numa eutopia por parte de Weber, mas que sua *tese da perda de sentido* é uma tentativa de contrapor a objetividade mecanizada engendrada pelo capitalismo a um contexto em que, por mais que *encantado*, preenchido de magia, segundo Weber, possuía relações humanas orientadas por certos valores *éticos*, uma certa noção de totalidade que unia os indivíduos em laços de fraternidade e amor.

AGRADECIMENTOS: Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

REFERÊNCIAS

- BURKE, E. **Reflexões sobre a Revolução na França**. Prefácio de João Pereira Coutinho. Campinas, 2017.
- COHN, G. **Crítica e resignação: Max Weber e a teoria social**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023.
- GOETHE, J. W. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. Tradução de Nicolino Simone Neto. São Paulo: Ensaio, 1994.
- HERDER, J. G. **Journal meiner Reise im Jahr 1769**. Werke, Vol. I. (org.). Wolfgang Pross. München, 1984.
- HÖLDERLIN, F. **Hipérion ou o Eremita na Grécia**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2012.
- JOHAN, H. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- LÖWY, M. **Romantismo e messianismo: ensaios sobre Lukács e Walter Benjamin**. Tradução de Myrian Veras Baptista e Magdalena Pizante Baptista. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Debates; 234).
- LUKÁCS, G. **A alma e as formas: ensaios**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- LUKÁCS, G. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.
- MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- NOVALIS. **Werke**. SAMUEL, R.; MÄHL, H.-J.; BALMES, H. J. (org.). Munique: [s. n.], 1978–1987.
- PAUL, J. **Titan**. Henricus – Edition Deutsch Klassik Gmbh, Berlin, 2013.
- ROUSSEAU, J. J. **Do contrato social**. São Paulo: Penguin Classics; São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SAFRANSKI, R. **Romantismo, uma questão alemã**. Tradução de Rita Rios. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.
- SCHELLING, F. W. J. von. **Ausgewählte Schriften**. Vol. I. Frankfurt, 1985.
- SCHILLER, F. **Sämtliche Werke**. Vol. V. Organização de Wolfgang Riedel. Munique, 2004.
- SCHLEIERMACHER, F. **Sobre a religião**. 2ª ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2000.
- SCHLEGEL, F. **Kritische Schriften**. RASCH, W. (org.). Munique: [s. n.], 1970.
- SELL, C. E. **Max Weber e a racionalização da vida**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SIMMEL, G. **Philosophie des Geldes**. Henricus – Edition Deutsche Klassik Gmbh, Berlin, 2013.

SOMBART, W. **Der moderne kapitalismus**: Historisch-Systematische Darstellung des Gesamteuropaischen Wirtschaftsleben von seinen Anfagen bis zur Gegenwart. Duncker & Humblot, 1986.

TIECK, L. **William Lovell**. Hamburg: Tredition Classics, 2012.

TÖNNIES, F. **Gemeinschaft und Gesellschaft**. Darmstadt, 1991.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, M. **Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre**. 4. ed. Tübingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), [1965]. (Essais sur la théorie de la Science).

CRediT Author Statement

- ☐ **Reconhecimentos:** Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Antonio Ianni Segatto pelo tempo disponibilizado para orientações que, por mais que dissessem respeito diretamente a este artigo, auxiliaram diretamente nas ideias aqui contidas.
 - ☐ **Financiamento:** CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
 - ☐ **Conflitos de interesse:** Não há.
 - ☐ **Aprovação ética:** A execução do trabalho respeitou os princípios éticos da pesquisa científica.
 - ☐ **Disponibilidade de dados e material:** O material de consulta – livros e artigos em formato PDF – pode ser encontrado on-line em sua integralidade. A confecção deste trabalho contou, no entanto, com versões físicas dos arquivos on-line, como forma de consulta off-line.
 - ☐ **Contribuições dos autores:** Como único autor, as ideias deste trabalho surgiram no processo de escrita de minha dissertação de mestrado, intitulada “Desencantamento e reificação: um estudo sobre *História e consciência de classe*”, em que apresento a crítica de Lukács ao ideal de conhecimento da sociologia de Max Weber no referenciado ensaio hegeliano-marxista de 1923. As ideias deste artigo se apresentam como um recorte de uma ideia maior apresentada na dissertação, mas aqui me contendo apenas em descrever uma possível influência do Romantismo Alemão (1750-1810) no pensamento sociológico alemão do início do século XX, enfatizando principalmente o trabalho de Max Weber, como o grande sociólogo alemão no século.
-

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

